

Viagem a Kiev (Antes dos bombardeios)



Rússia e Ucrânia

TEMPOS DE PAZ SOB A CORTINA DE FERRO

De uma Kiev transpirando cultura à espera da primavera até Moscou, com a rigidez de "capital do império", Estado de Minas resgata relatos de casal de jornalistas na antiga URSS, sob a qual coexistiam 15 nações

GUSTAVO WERNICK

Eram tempos da Guerra Fria, da Cortina de Ferro e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou simplesmente União Soviética – que se esfaleceu em 1991, mudando a geopolítica no mundo e sepultando o regime iniciado com a Revolução de Outubro de 1917. Seis anos antes do colapso do Estado, do qual faziam parte Rússia, Ucrânia e mais 13 nações (veja arte), o casal de jornalistas Cyro Siqueira e Anna Marina, do Estado de Minas visitou Moscou, a hoje bombardeada Kiev, capital ucraniana, e outras regiões da vastidão entre Europa e Ásia.

Hoje, diante das imagens de Kiev atacada por mísseis, combóios militares e ataques aéreos, Anna Marina, jornalista e editora do caderno Feminino do EM, se mostra perplexa. "Aonde será que Putin (presidente da Rússia) quer chegar?", pergunta, ao se lembrar de cenas que marcaram a memória e trazem um passado de mais humanidade. Numa das imagens que retina gravou, em abril de 1985, está uma turma de estudantes ucranianas, na praça de frente a uma escola, coleando todo tipo de laço. "Não posso me esquecer. Depois da aula, a turma fazendo a limpeza."

És um relato de Anna Marina sobre Kiev, conhecida como "Cidade Heroica", cortada pelo Rio Dnieper e devastada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com perda de mais de 200 mil vidas. Era abril de 1985, quando ela destacou: "Hoje, totalmente reconstruída, a cidade é linda, cheia de parques (onde neste início de primavera, os cidadãos trabalham voluntariamente para preparar tudo para a chegada das flores, é impressionante ver desde crianças até velhos de enxada e ancinho na mão, mulheres, às vezes até com bolsa pendurada no braço, trabalhando os jardins públicos) e do Monte Vladimir pode-se ter uma bela vista da cidade velha até o Rio Dnieper."

Anna Marina falou, na série publicada pelo EM, sobre os equipamentos culturais – o que causa preocupação neste março de 2022, devido às ameaças e à destruição de monumentos. "Para visitar, existe a Catedral de Santa Sofia, construída no século 11, reconstruída várias vezes e com um interior esplêndido na sua combinação de afrescos, mosaicos e arte. Ainda para se ver, a Igreja da Trindade, com um icônóstio todo trabalhado em talha dourada a ouro, o Museu de Arquitetura e História de Santa Sofia."

Ainda sobre a cultura local, a jornalista destacou o Museu Ucraniano de Arte Folclórica e Decorativa, com acervo formado por peças de prata encontradas em escavações, até a moderna arte pós-revolução, a exemplo "de trajes típicos, cerâmica (muito semelhantes ao Vale do Jequitinhonha e do México), lindos tapetes (com a trama do kilim), louça, cristais". Também no roteiro, o museu dedicado à arte europeia oriental, "com bons quadros de Bellini".

■ NAVIAR NAS RUÍAS E "GENTE SERIA"

Anna Marina e Cyro Siqueira (que faleceu há anos) integraram um grupo de jornalistas e agentes de viagens. "Na capital russa, fiquei impressionada com o controle ab-



CIDADE HERÓICA

Anna Marina, em 1985, sobre KIEV

"Hoje, totalmente reconstruída, a cidade é linda, cheia de parques (onde, neste início de primavera, os cidadãos trabalham voluntariamente para preparar tudo para a chegada das flores, é impressionante ver desde crianças até velhos de enxada e ancinho na mão, mulheres, às vezes até com bolsa pendurada no braço, trabalhando os jardins públicos)"



METRÓPOLE RUSSA

Anna Marina, em 1985, sobre MOSCOW

"Oitocentos anos de história transformaram Moscou de pequena fortaleza de madeira construída por Yuri Dolgoruky, na confluência dos rios Neglinnaya e Moskva, numa moderna metrópole onde vivem 7 milhões de pessoas. (...) É uma montagem de microdistritos, cada um deles com sua própria escola, hospital, lojas, cafés, cinemas, clubes, igrejas e parques"

solutivo dos agentes da alfândega, algo que nunca tínhamos visto. Vascilham tudo, contavam e anotavam até o número de pedras dos brinco, anéis, colares e outras joias que mulheres e homens usavam."

Sem dar a mínima para caviar – "Não gosto mesmo!", ressalta –, Anna Marina nem se preocupou em comprar a iguaria em Moscou. "Até mesmo o 'belega' (considerado o melhor do mundo) estava à venda nos camelôs, com um preço três vezes inferior ao das lojas. 'Na volta, uma decepção gastronômica para grande parte dos viajantes, que se absteve nos vendedores das calçadas. Como ninguém tinha reci-

bo, os agentes da alfândega apreenderam tudo". Uma boa lembrança está no serviço dos hotéis: "As toalhas eram de um linho grosso, muito boas e bonitas. Até procurei nas lojas, pois queria trazer para o Brasil, mas não encontrei". E tem uma passagem bem curiosa: "Os russos tinham fiscoiro pela calça jeans. Acarretaram até me perguntar se eu tinha alguma para vender".

Como as temperaturas já estavam mais baixas, com todo mundo encapotado, a jornalista nem pôde reparar muito no semblante das pessoas nas ruas. Mas numa das matérias da série ("A Rússia, esse país distante"), definiu bem no título: "E o poro? É triste? Resposta: é sério."

VISTO A JATO A viagem à antiga URSS, na verdade, começou alguns dias antes do embarque – para conseguir o visto de entrada. "Cyro me falou, dois dias antes, sobre a viagem, portanto, eu teria que ir à Brasília com urgência. Baguei o avião e passei o dia inteiro na embaixada, dizendo que só sairia de lá com o visto na mão. Felizmente, deu tudo certo, mas foi uma correria danada", conta Anna Marina.

Se para a jornalista foi a primeira viagem à URSS, não foi para o

marido. Cyro Siqueira esteve lá bem antes, em agosto de 1956, incluindo uma viagem no trem transiberiano, de Moscou (Rússia) a Pequim (China). Naquela época, considerou "novedades e novidade numa 'maria-fumaça'". Também publicando uma série de matérias no EM, Cyro Siqueira escreveu sobre as cidades, o comportamento do povo, futebol – um dia antes da chegada, o time da Portuguesa, do Rio de Janeiro, tinha jogado contra o Dinamo, de Moscou – a bebida pausada nacional, a vodka, e enfocou a moda, observando que a aparência das russas (malvestidas e masculinizadas)

começava a preocupar seriamente o Estado soviético. Passadas décadas, a união das repúblicas simbolizada pela foice e o martelo se esfacelou, à curiosidade de revelar os costumes por trás da Cortina de Ferro se transformou em repúdio global praticamente generalizado à Rússia pós-invasão da Ucrânia e os relatos do casal de jornalistas se transformaram em fotografias no álbum da história. Imagens que ajudam a contar a trajetória de um império que parece ainda sonhar em reconquistar parte de seus domínios e de uma nação que segue pagando o preço de sua independência.

Marcas da guerra

FERIDAS DE UMA TRISTE HISTÓRIA

A cidade ucraniana de Kiev revive dias de dor e destruição causadas pela invasão russa, em cenário semelhante ao rastro deixado pela Segunda Guerra Mundial, como mostram registros do acervo do **EM**

GUSTAVO WERNECK

Quase 80 anos separam as fotografias mostradas nesta página das cenas dramáticas registradas em março de 2022 na cidade de Kiev, na Ucrânia, a capital ameaçada de morte e destruição na invasão das tropas russas.

Nos registros do acervo do Estado de Minas, o retrato em preto e branco de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mostra a Rua Kheschatyk, bem no Centro da cidade, bombardeada pelos alemães.

Horizonte sinistro, poucas pedras sobre pedras restantes e algumas construções de pé como testemunhas da história.

A foto de 1948, no pós-guerra, exibe as feridas urbanas provocadas pelas explosões, numa área que abrigava, antes do conflito, prédios modernos e residências.

Estão, no foco, escombros, desolação, estruturas fantasmagóricas das edificações e o vazio da presença humana.

Hoje, as imagens voltam a mostrar chagas abertas na cidade, construída no século 5 e alvo do flagelo trazido pela guerra.

DOIS TEMPOS Na primeira viagem do jornalista Cyro Siqueira (1956) à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que saiu de cena em 1991, ele notou que os ônibus elétricos circulavam abarrotados em Moscou, com grande movimento de carros em três ou quatro filas.

E ainda: que as filas se tornavam quilométricas para visitar os mausoléus dos líderes comunistas Josef Stalin (1878-1953) e Vladimir Ulianov, que entrou para a história como Lenin ou Lenine (1870-1924).

Quase três décadas mais tarde (1985), quando Cyro Siqueira (que morreu há oito anos) retornou com a mulher, Anna Marina, também jornalista do EM, o casal notou algumas diferenças e escreveu na série de matérias publicadas no jornal.

O mausoléu estava fechado para reforma, causando decepção às milhares de pessoas que visitavam a cidade, muitas delas acostumadas a "ficar horas e horas, ao relento, na fila", para prestar suas homenagens.

Vendo as fotografias de Kiev na década de 1940, impossível para muitos, como o autor desta reportagem, não sentir "uma pontada", como se diz mineiramente, até mesmo para quem nunca esteve na Europa, muito menos no teatro de operações ou teatro de guerra.

Melhor seria ver outros palcos ucranianos: a arte florescendo na ponta dos dedos, em forma de pintura, escultura, artesanato ou no aperto de mão; o conhecimento pulsando nas escolas, do ensino fundamental à universidade; e vida em flor nos parques, com pessoas de todas as gerações plantando a esperança e colhendo a paz.

O CRUZEIRO/ARQUIVO EM



Em 1943, durante a guerra, a Rua Kheschatyk, no Centro da cidade, bombardeada pelos alemães

O CRUZEIRO/ARQUIVO EM



Área que abrigava, antes do conflito, prédios modernos e residências totalmente arrasada em 1948

SÉRGIO SUPRINSKY/IMP



Março de 2022 e o terror está de volta, com cenas de um prédio atingido por ataque da Rússia

TESTEMUNHAS OCULARES

EM 1956

Por Cyro Siqueira

"Depois de 30 horas de trem (expresso Helsinki-Moscou), e após passarmos em Leningrado, da qual tivemos uma rápida visão noturna, chegamos a Moscou na tarde do segundo dia (de viagem). Nosso hotel é o Nacional, na frente do Kremlin e do Museu da Revolução. Decorado, como tudo o mais, segundo um gosto florido e rococó, conserva em sua entrada um tinteiro pesado, ornamentado com a estatuetta de um jovem trabalhadora."

"Estamos em Moscou. Nas ruas, multidões circulam de um lado para o outro, apressadamente. Ao longo da Rua Gorki - muito larga -, os carros russos, em tudo semelhantes aos americanos, passam a grande velocidade, em três, quatro filas. Ônibus elétricos superlotados - e grandes aglomerações diante dos cartazes da agência Tass, alguns dos quais mostrando flagrantes do jogo, realizado no dia anterior, entre a Portuguesa, do Rio, e o Dinamo, de Moscou, empatado de um."

"Ao fim da tarde, o movimento na Praça Vermelha continua sem interrupção. De um lado, os gigantescos laios Gum, do outro, contra os muros do Kremlin, o mausoléu de Lênin e Stalin. Rasgando o centro da praça e penetrando no mausoléu, uma fila enorme de pessoas aguarda o momento de ver, por tempo pouco superior a um minuto, os corpos embalsamados dos dois líderes comunistas. A fila se estende por toda a praça, indo perder-se nos jardins laterais do Kremlin, com mais de um quilômetro de comprimento - e por todo o crepúsculo, noite, já se via o lento caminhar dos povos pacientes, visitantes da Bulgária, Armênia, ucranianos, poloneses, moscovitas."

EM 1985

Por Anna Marina

"O centro de atrações turísticas da cidade (Moscou) forma um conjunto - Praça Vermelha, túmulo de Lênin, Catedral, Kremlin. Podem-se transportar vermelhas muralhas do Kremlin e, fora das repartições que funcionam lá dentro - e onde a chamada 'nomenklatura' burocrática da vida das cidades - visitar a Catedral da Anunciação, construída em 1489, a do Arcanjo (1505) e a da Assunção, datada de 1479, transformadas em museus de ícones."

"Além da Praça Vermelha e do Kremlin, que são logicamente os pontos de maior interesse (em Moscou), podem ser vistos também o Parque Gorki, o Monastério Novodevich, transformado em museu; o Museu da Revolução (que exalta a glória russa a partir de outubro de 1917); a Exposição das Conquistas Econômicas, que tem 700 pavimentos mostrando arte, arquitetura, artesanato, viagens espaciais, o Bolshoi."

"O teatro (Bolshoi), um escritório de reposteiros de cetim lavrado vermelho e talha dourada, é o 'sancto-sanctorum' da dança clássica mundial. Lotado, internacional, quem ama a dança pode ter uma experiência inesquecível: assistir a uma récita completa do 'Lago dos Cisnes', com bailarinos anônimos, mas sem similar no mundo ocidental. Maravilha pura de sensibilidade, técnica, disciplina."



FOTOS DE JOÃO FERREIRA/EM, DA PESS



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Internacional **Página:** 6 e 7